



# III--O PADRE RODHAIN

No 120 da Rua de Cherche-Midi fomos encontrar em plena actividade a «Aumônerie Générale».

De um «campo» em França um Padre se escapara. Organiza a assistência moral e religiosa da

sua divisão, e, a seguir, a dos «campos» vizinhos. Um ano depois a sua actividade estende-se a todos os campos de prisioneiros, a todas as prisões e campos de trabalho. Obra prodigiosa, sobretudo por ter de ser feita quase sempre na clandestinidade. Obra, afinal, de um homem ajudado por muitos outros, sacerdotes e leigos, rapazes e raparigas. Esplendor de Caridade evangélica, a obra do P.<sup>o</sup> Rodhain desencadeia na França uma autêntica revolução religiosa que começa a invadir, pouco e pouco, até os espíritos mais afeitos ao burguesismo religioso.

A entrada do edifício, depa-ramos logo com uma estranha imagem de Senhora em estilo moderno, mas sóbrio: *Notre Dame de la Merci*. A Virgem tem o Menino nos braços, e dos seus ombros pende uma pesada cadeia de ferro. Os enfeites do seu manto são arame farpado, grades de prisão. Tudo simples, mas bem significativo. Demos um salto à capela, tão estranha co-

mo a imagem da Senhora, padreira dos prisioneiros.

A mesma simplicidade. Um único altar no centro, assente em 6 colunas de pinheiro, nos quais se vêem gravadas as imagens de três Prisioneiros: S. Paulo, S. Luís e Joana d'Arc. Em cima do altar, 4 castiçais e uma cruz. A um canto da capela, do lado do Evangelho, as grades iluminadas de uma prisão. Era o tabernáculo: Jesus prisioneiro! Nos vitrais das janelas, Santa Joana d'Arc, S. Vicente de Paulo, condenado voluntário das galeras para salvar os condenados, S. Luís, rei de França, prisioneiro também. Tudo tão simples, mas tão eloquente! A Capela é um encanto na pobreza do seu conjunto, no simbolismo do seu todo.

Mademoiselle Gibori, Assistente social, alma de assistência aos prisioneiros e às prisões, explica: — se soubesse como amamos esta capela!

Compreende-se. Ela é digna de amor.

O P.<sup>o</sup> Rodhain dava as últimas instruções sobre a peregrinação dos 80.000 deportados e prisioneiros a Lourdes. Nessa noite partiria a preparar «in loco» todo o cenário da mais impressionante peregrinação que jamais se fez sobre a terra. Não tinha tempo disponível. Mas levou a sua amabilidade a ponto de consentir que o entrevistássemos durante o almoço, ali a dois passos, no Boulevard de Montparnasse.

Homem de poucas falas, rosto marcado pelas tragédias da guerra, da Gestapo, das prisões; alto e magro como convém a um cavaleiro andante, olhar penetrante e atento, de decisão eficaz e pronta.

— Foi prisioneiro de guerra, não é verdade?

— Duas noites e nenhum dia... Ao terceiro dia, fugi definitivamente com o General Leclerc.

— E depois?

— Depois foi tudo isso que V. já sabe: o «aumônerie», e agora «le secours catholique».

— Teve muitas dificuldades?

— So Deus o sabe. Conheci de tudo: A clandestinidade, a prisão, as fugas, os interrogatórios, as proibições, as misérias, a fome. Mas também conheci como poucos a protecção divina.

— E para organizar quanto se fez, de onde lhe veio o auxilio?

— Um pouco de toda a parte. Das crianças de França, das paróquias, dos iéis, do estrangeiro. Ainda há pouco se fez uma impressionante distribuição de géneros mandados em cinco barcos pelos católicos do Canadá. Sobretudo, fui apoiado pelo Santo Padre. Com os exércitos aliados vencedores, entramos na Alemanha, organizamos os primeiros hospitais logo após as batalhas, entramos em Buchenwald, Vaihingen, Dachau, salvamos centenas de vidas com a assistência que lhes levaram os nossos médicos, capelães e enfermeiros, tudo isto arvorando o pavilhão papal.

— E agora ainda tem muito que fazer?

— Que fazer?! E esses milhões de refugiados de todos os países que se encontram ainda dispersos pela Europa na mais inacreditável miséria moral e material? E os nossos doentes e mutilados? Os nossos sanatórios e hospitais? Os nossos presos? Se temos que fazer?!

Envergonhado um tanto com a pergunta, explicamos que era intenção nossa saber o que tencionava ele fazer depois disto tudo a funcionar normalmente.

— Estou encarregado de organizar «le secours catholique». Sabe o que é?

— Pouco mais ou menos...

— Eu lhe explico. Para realizarmos a obra que foi feita, foi necessário montar sob o plano nacional, uma forte coordenação de todas as obras de assistência católicas e das esmolas. Os Prelados ordenaram 2 peditórios nacionais em todas as igrejas da França. Os Párocos auxiliaram-nos muito com a sua forte compreensão e desde as crianças aos velhos, todos nos ajudaram. Trata-se agora de fazer o mesmo, como deseja o Santo Padre, sob o aspecto internacional.

Suponha que há um cataclismo na China. Em volta de um pano verde reunir-se-ão a O. N. U., a assistência protestante, os judeus, a Cruz Vermelha. Não haverá lugar para os católicos? Eles, unidos, levarão socorro aos sinistrados. E nós? Os da religião da Caridade? O que o Santo Padre nos pede, é só que estejamos presentes.

— E conta triunfar também nesta iniciativa?

— Assim o esperamos, tanto mais que já vários países se organizaram nesse sentido. Falta ainda Portugal...

— Portugal é generoso, embora pobre...

— A pobreza é realmente generosa.

— E a assistência aos trabalhadores deportados para a Alemanha?

— O P.<sup>o</sup> Bousquet pode contar-lhe como isso foi. Ele sabe-o por experiência própria, na alma e no corpo. Procure-o e ficará edificado.

— Mas, afinal, de toda esta obra de caridade maravilhosa, surgirá alguma coisa mais do que o exercício da Caridade?

— Creio que sim: um espírito novo. Tudo isto foi uma revelação.

E o Padre Rodhain, interrompendo o almoço, como impellido pela força de um grande ideal, começou:

Foram para a Alemanha 5.000 Padres e 6.000 seminaristas. Privados muitas vezes das suas próprias batinas, quando as não deixaram voluntariamente em casa para se vestirem de fato-macaco, estes padres e seminaristas tiveram de ficar em contacto directo com a massa de prisioneiros e de operários. Este contacto directo levou-os a conhecerem-se melhor uns aos outros. Vivendo a vida deles, dia e noite, puderam verificar 4 coisas:

1.<sup>o</sup> como andava paganizada a vida dos seus companheiros. Para a quase totalidade deles, foi uma enorme surpresa.

2.<sup>a</sup> que, apesar de tudo, permaneciam nesses homens umas tantas virtudes naturais, como sentimento de justiça, o espirito de solidariedade na desgraça, a generosidade, virtudes que afinal, eram do cristianismo.

3.<sup>a</sup> que a vida do clero, afastada da vida, estava fundamentalmente falseada pela educação dos seminários que faziam dos futuros padres uma raça à prate, sem tentar inseri-los na vida real.

4.<sup>a</sup> finalmente que a graça de Deus, trabalhando estes homens paganizados, operava milagres estrondosos. Sabe? Começaram os nossos Padres a acreditar um pouco mais nas... «possibilidades» de Deus.

Quando regressaram a França, todos estes Padres, iluminados pela experiência do cativeiro começaram, um pouco por toda a parte, a fazer tentativas de adaptação nas paróquias: Suprimiram as taxas dos serviços religiosos, que tantos mal-entendidos deixavam subsistir, procuraram santificar ao máximo e tornar intelegíveis os actos religiosos. Purificaram os hábitos no que se refere a enterros e baptizados. Tentam despir-se do Padre funcionário, para se transformarem em Padres missionários, adaptados à vida e à mentalidade dos seus fiéis.

— As taxas... E como vivem eles?

— Da generosidade dos fiéis que dá muito mais e mais generosamente.

— E os resultados?

— Todos se mostram muito contentes. Sentem-se mais Padres; mais irmãos dos filhos de Deus. . . Acha pouco?

O pio: é que o almôço estava no fim e já vinham à procura do P.<sup>o</sup> Rodhain.

Deixamo-lo partir com saudade. Fazia bem o contacto com este homem de poucas falas...

— Mas, ao despedir-se, entre um sorriso muito amável, acrescentou:

— Continuaremos a conversa em Portugal. Tenciono ir lá este inverno.

Deus queira que venha.